

Mapas Mentais

enriquecendo inteligências



Walther Hermann & Viviani Bovo

Resgatando sua Criatividade

Tratar do assunto criatividade é um tanto contraditório. É como naquela fábula oriental do sujeito que desejava aprisionar o vento. Assim que conseguia confiná-lo, deixava de ser vento! Apesar disso, vamos refletir um pouco sobre o assunto.

Em primeiro lugar, cremos que o uso da palavra não seja condizente com a realidade desse atributo humano, pois a criatividade não é um outro ser dentro de nós mesmos, é uma competência inerente à existência. Isso significa que a expressamos naturalmente, assim como respiramos. Sempre que as pessoas dizem algo como “a minha criatividade”, já a estão distinguindo dentro de si mesmas, já a estão separando. Não é uma questão de TER ou NÃO TER criatividade, e sim de ser criativo(a).

Dessa forma, seria justo perguntar-se de antemão: eu sou ou não sou criativo(a)? E a única resposta possível é: SIM! Pelo menos enquanto estiver respirando. Na prática, entretanto, utilizaremos a linguagem corrente quando falarmos desse assunto, isto é, também faremos uso da palavra criatividade. Mas lembre-se de que a tratamos como atributo da existência, e não como uma “coisa”. Feita essa distinção conceitual, tratemos agora dos graus em que expressamos nossa competência de criar.

Conforme já comentamos, existem pelo menos três graus diferentes de expressão de nossa força criativa: a criatividade de primeira ordem é manifestada quando se consegue idealizar algo completamente diferente, para o que não existem referências prévias conhecidas, isto é, não há com o que comparar. São as grandes mudanças de paradigmas e revoluções científicas. Muitas das construções ou intuições dessa categoria foram descobertas acidentais, encontradas no meio do caminho pelo qual eram buscados outros conhecimentos.

Criatividade de segunda ordem é aquela que provém da associação ou comparação de estruturas de diferentes classes de conhecimento. Esse estágio de expressão criativa pode ser uma região de transição entre as categorias de primeira e de terceira ordem. O modelo dos mapas mentais talvez pertença a essa categoria, já que as representações gráficas e ilustradas do conhecimento existiam anteriormente com menos formalismo.

Criações de segunda ordem ocorrem com frequência quando estudiosos de uma determinada área do conhecimento migram para outra carregando consigo alguns critérios e procedimentos da antiga área. Ao apreenderem os novos conhecimentos, encontram oportunidades, lacunas ou falhas nos modelos conceituais que os permitem reformular explicações e pontos de vista, muitas vezes contrariando as expectativas dos especialistas da nova área – que permaneciam cegos para os limites de seus conhecimentos.

A criatividade de terceira ordem é basicamente um processo de melhoria, aperfeiçoamento ou transformação de algo já conhecido. O método *Kaizen* (pertencente à doutrina da **Qualidade Total**, que corresponde a uma atitude de identificação de situações, processos ou características de produtos que possam ser melhorados continuamente ou recriados) é essencialmente um processo criativo de terceira ordem (veja mais na seção de **Elaboração de Mapas**).

De uma forma muito simplificada, poderíamos supor que a criatividade de terceira ordem está relacionada com a obtenção de respostas diferentes para a mesma pergunta, enquanto a de primeira ordem está associada à mudança na forma de perguntar. Evidentemente, há criações pertencentes à região de fronteira entre esses dois graus de inovação, as quais incluímos na categoria de segunda ordem.

Vamos aprofundar um pouco mais tais reflexões e tratar de algumas possíveis estratégias para despertar cada uma dessas formas de expressão.

Criatividade de primeira ordem

É considerado o nível mais elevado de criação e inovação, talvez comparado a enxergar numa terra de cegos, “encontrar uma agulha em um palheiro” ou identificar oportunidades assombrosas que estiveram, há tempos, debaixo do nariz de todos e não foram ainda percebidas. Ela é especialmente observada em crianças, cujas respostas aos estímulos podem ser consideradas completamente inesperadas ou sem sentido e que, no entanto, podem apontar para conexões, relações ou soluções totalmente revolucionárias. A princí-

pio, pode parecer uma solução ilógica ou caótica e é, via de regra, rejeitada por toda a comunidade detentora do conhecimento dessa área. Os exemplos mais comuns incluem a construção de novas teorias, mudanças de paradigmas científicos, criação de novos conceitos, identificação de setores de atividades ou negócios e as criações artísticas e literárias verdadeiramente surpreendentes e revolucionárias.

Para cultivar esse estado mental essencial, acreditamos que existem poucos caminhos possíveis: um trabalho lento e permanente de descondiçãoamento (“desaprendizado”, eliminação de preconceitos, paradigmas e bloqueios de todas as ordens – mental, emocional, motora etc.) e a busca de conhecimentos e soluções em diferentes campos do conhecimento (visitar ou viver em outros países e culturas, aprender diferentes idiomas, experimentar e aprender diversos conhecimentos de naturezas distintas).

Essencialmente, a criatividade de primeira ordem não precisa ser desenvolvida, mas sim libertada. Lembre-se daquela pesquisa da *Utah University* citada à página 23, último parágrafo. Ela corresponde a um estado interior que experimentamos quando alinhamos nossa forma de viver no mundo com nossas inclinações mais profundas. Simplificadamente, quando começamos a seguir nosso próprio caminho e a expressar nossas melhores potencialidades.

Aqueles que acreditam não possuir tais qualidades talvez ainda não tenham uma quantidade de experiências de vida suficiente para poder revelá-las. Nesse caso, ou nós nos encarregamos de buscá-las ou corremos o risco de permanecer vivendo a vida dos outros. Pois ninguém fará isso por nós. Mesmo porque muitas dessas melhores habilidades que possuímos nem sempre estão completamente evidentes, afinal de contas, são aquelas que fazemos com tanta naturalidade e espontaneidade que nem sempre sabemos aproveitá-las para criar nossas profissões ou formas de expressão no mundo.

No meu caso, foi algo bastante curioso. Nunca fui bom aluno de ciências humanas nem de língua portuguesa. Em redação, então, nem pensar! Nunca fui reprovado por isso, mas meu desempenho nessas matérias nem chegava perto do que tinha em ciências exatas. Meu negócio eram os números.

Nunca, até 1990, nem sequer imaginei que poderia escrever para outras pessoas lerem. Porém, no início da década de 1980, na faculdade de filosofia, algo ficou profundamente impresso em minha memória: tirei minha primeira e única nota dez em redação em toda a minha vida! Aquele meu professor de português nunca ficou sabendo da importância que isso teve no despertar da minha coragem e da minha iniciativa de começar a escrever artigos para jornais e revistas. Tal fato abriu uma “avenida” de possibilidades em meu futuro.

Minha identidade se transformou a partir daquela experiência. Já não podia mais afirmar que era um péssimo aluno de português. Acidentalmente, descobri que encontrara minha própria forma de expressar-me. Nesse estilo de redação, as pessoas começaram a me incentivar a escrever, e tornei-me escritor por acidente!

Esta categoria de processos criativos nos desperta para uma equação de fatores bastante curiosa: o reconhecimento do ciclo criativo completo, por mais desconfortável que ele possa parecer.

Confusão *versus* Criação

Para compreender isso, faça uma pequena lista das decisões mais importantes que tomou em sua vida. Aquelas em que os conselhos das outras pessoas não ajudavam muito e para as quais, buscando respostas em seu passado, não era possível encontrar alguma referência que o(a) ajudasse a decidir ou atenuar a tensão associada a essas decisões.

Em geral, as pessoas vivem esses grandes impasses algumas poucas vezes durante a vida. Quando você encontrar duas ou três dessas memórias, anote-as numa folha de papel. Depois faça uma retrospectiva e lembre-se, em detalhes, de como você se sentia imediatamente antes de cada grande decisão a ser tomada e quais eram suas sensações e sentimentos durante o tempo de gestação dessas decisões.

Outra possibilidade é você recordar-se dos momentos de vida em que ocorreram grandes transformações e mudanças. Certamente também lembrará que os sentimentos desconfortáveis que porventura tenham se manifestado podem indicar uma desorientação interior frente aos fatos. Representam nosso desconhecimento do que fazer e de como agir em nossas novas condições. Tudo aquilo que sabíamos nem sempre funciona nessas situações de grandes decisões ou transformações.

As respostas mais freqüentes são: insegurança, inquietação, receio, tensão, raiva, ansiedade, angústia, depressão, tristeza, medo, mal estar, expectativa, insônia, falta de apetite, euforia etc. Embora existam muitos nomes, prefiro chamar ao conjunto desses sentimentos de **confusão**. Isso porque, em nossa cultura, somos conduzidos a acreditar que tais sentimentos e sensações são negativos e que devemos nos livrar deles o mais cedo possível.

Porém, a vivência mostra que os resultados daquelas decisões muito importantes nos encaminham para novas fases de vida, de aprendizado, de crescimento e de transformação, exigindo-nos que criemos novas formas de ser,

pensar e agir. Estados de confusão indicam apenas a desestruturação interior ocasionada pela demolição de velhas formas de ser, pensar e agir. Elas ocorrem com certa frequência em nossas vidas, especialmente nas mudanças de fase de vida: nascimento, infância, adolescência, juventude, maturidade, velhice e morte. Portanto, a confusão e mesmo o estresse decorrentes dela parecem ser condições coadjuvantes ao processo criativo de vida, de modo que estejamos aptos e abertos para aprender o novo.

Se você perguntar a qualquer pessoa que tenha sido um sujeito, um meio ou um veículo de expressão de processos criativos de primeira ordem, quase a totalidade delas descreverá esses momentos como tensos, desgastantes, depressivos, de profundo sofrimento etc. É um período, às vezes longo, durante o qual “cozinhamos” nossos limites, paradigmas, preconceitos e condicionamentos, com a finalidade de criar “espaço” para a manifestação daquilo que é completamente diferente.

Por fim, essas decisões ou mudanças tão essenciais costumam conduzir-nos em direção às nossas grandes realizações! Perceba que tais estados de confusão são apenas a “outra face da moeda” do processo criativo. Se evitarmos aqueles sentimentos e sensações aos quais atribuímos nomes e valores negativos, automaticamente estaremos abortando todo o processo criativo. Aqueles que tentam eliminar artificialmente a manifestação dos sentimentos desagradáveis que acompanham os estados de confusão estão enfraquecendo ou eliminando também o processo criativo de transformação interior, enquanto se aprisionam a determinadas formas de ser que já não servem mais.

Os sentimentos de insatisfação e de tensão experimentados nessas ocasiões carregam exatamente a energia de ativação e de transformação para a conclusão criativa do processo. Da próxima vez que eles se apresentarem, tenha a coragem e o auto-respeito de não querer livrar-se deles, aceitando-os como bênçãos ou presentes de sua mente interior, de modo que eles possam operar as “demolições” necessárias à expressão de processos criativos mais profundos. Eles estão associados ao processo de desintegração das antigas formas de ser e agir que já não são compatíveis com a entrada numa nova fase de vida. Eles acompanham a desarticulação e a morte de velhas formas de ser. Semelhante à borboleta que provém do casulo, que é o túmulo da lagarta que aceitou “morrer”.

Confusão e entendimento, assim como destruição e criação, são as duas faces da moeda chamada aprendizado ou evolução, que por sua vez constitui-se de nascimento, desenvolvimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. Para criar o homem, a Natureza destruiu as condições anteriores num processo contínuo de reorganização. Nascimento e morte de espécies animais

parecem fazer parte de um processo muito mais amplo e demorado chamado Criação. Por essa perspectiva, podemos perceber que essa “gestação” do processo criativo, dependendo da dimensão, pode ser um tanto demorada.

Dessa forma, a apreensão do ritmo interior necessário ao processo de síntese criativa, em distintos setores da vida, ajudará a resgatar a autoconfiança tão necessária para que tenhamos coragem de permitir que nossa mente atue adequadamente na construção de novos aprendizados e de novas criações.

Vamos explorar um pouco mais esse universo de eventos. Creio que mais um relato possa enriquecer nossa reflexão.

O Mundo Invertido

Um cientista... Lembro-me desta reportagem de algum documentário apresentado na televisão há muitos anos, sobre um pesquisador que realizou um experimento muito interessante. Ele construiu um instrumento óptico especial (um par de óculos diferentes) que invertia todas as imagens observadas através dele.

De fato, é sabido que as imagens que se formam em nossa retina (nossos sensores nervosos do aparelho visual) são já invertidas, graças ao cristalino – uma lente natural e flexível, estrutura constituinte de nossos próprios olhos, que projeta na retina as imagens captadas do ambiente e que, posteriormente, são interpretadas em nossa mente.

Colocou os óculos e permaneceu com eles durante alguns dias. O primeiro resultado, já esperado, foi que passou a ver tudo de ponta-cabeça. Houve também uma inversão da lateralidade, isto é, tudo o que estava à sua esquerda, via do lado direito através dos óculos, e vice-versa. Passaram-se talvez dois ou três dias até parar de ter fortes vertigens e vomitar. Mas o cientista perseverou... Em breve, acostumou-se com tudo o que via.

De fato, transcorridas uma ou duas semanas, maravilhado, observou que, mesmo permanecendo com aquele instrumento especial, passara a enxergar novamente de cabeça para cima. Constatou que seu cérebro havia aprendido a reorganizar suas percepções visuais. Neste momento, então, retirou os óculos. Pasmé: agora, a olho nu, via tudo invertido! Evidentemente, em apenas poucos dias voltou a ver o mundo como o percebemos, corretamente orientado.

Repetiu o processo de colocar e retirar o instrumento até que conseguisse adaptar-se em alguns momentos, até que seu cérebro se reorientasse rapidamente. Como praticante de tênis, pude constatar algo semelhante ao

praticar outros esportes com raquetes de diferentes tamanhos. Quando já temos prática, é uma questão de poucos instantes para nos acostumarmos com as distâncias de toque na bola e de melhor alavanca. Mas quando mudamos o tamanho da raquete pela primeira vez, nada funciona por um bom tempo.

Os objetivos dos experimentos daquele cientista eram comprovar a flexibilidade e a impressionante capacidade cerebral de aprendizado rápido e apresentar a hipótese de que um recém-nascido sequer distingue ou reconhece aquilo que vê, além de ver de cabeça para baixo!

Considere: ele recebe as imagens invertidas (aquelas projetadas na retina pelo cristalino), não sabe ainda coordenar os músculos da visão, logo não sabe focalizar os objetos e ainda não aprendeu a integrar as imagens captadas por cada um dos olhos, isto é, vê como um bêbado, tudo duplicado.

Sim, a criança pequena não consegue a estereoscopia (a sobreposição das duas imagens ligeiramente diferentes, captadas por cada olho, para a composição de uma única imagem com noção de profundidade – esse fenômeno é o que permite a construção daquelas imagens tridimensionais apresentadas no cinema 3-D ou no “Olho Mágico”). Você pode testar algo relacionado a isso por si mesmo: encontre uma superfície colorida, com contornos bem definidos, e feche um dos olhos para avaliar o colorido que é capaz de ver com aquele que está ainda aberto. A seguir, troque de olho para comparar com as imagens ligeiramente diferentes captadas pelo outro. Avalie também a precisão dos contornos dos objetos. A despeito de tudo isso, nosso cérebro é capaz de utilizar essas diferentes imagens para compor uma única percepção. A representação mental que temos daquilo que vemos é uma construção do cérebro.

Voltando ao nosso recém-nascido, um dos primeiros testes de competência neurológica realizados por um médico com uma criança é oferecer-lhe os dedos indicadores para que segurem com suas mãozinhas. Quando são agarrados, o médico levanta as mãos e suspende a criança que, nessa idade, possui uma rara capacidade de agarramento. Uma criança recém-nascida consegue sustentar o seu próprio peso, agarrada por suas mãos aos dedos do médico, durante muito mais tempo que um adulto destreinado.

Com essa rara capacidade instintiva e quase automática, pode acontecer ocasionalmente que a criança agarre seu próprio braço (o outro braço) com uma das mãos. Nessa época ela ainda não possui consciência corporal suficiente para avaliar quem, exatamente, pegou seu braço – seus gestos são inconscientes e semi-aleatórios e, acredito, pode se passar algum tempo até tornar-se consciente desse fato, isto é, de ser sua própria mão aquela que segura os movimentos da outra. Passará algum tempo enquanto desenvolve sua propriocepção, uma época durante a qual se constrói a percepção e a sensibi-

lidade corporal, até que identifique sua mão como sendo sua, assim como cada outra parte de seu corpo.

Fantasio em minha mente, às vezes, o que aconteceria se, num dado momento, uma dessas crianças pequenas agarrasse sua própria orelha. Talvez puxasse e sentisse um certo desconforto. Talvez puxasse mais e sentisse mais desconforto. Quem sabe, até dor. Mas, finalmente, até que ela relacionasse esses eventos e concluísse ser ela mesma, a sua própria mão, a agente de seu desconforto e dor, talvez algumas vezes isso se repetisse. Até que identificasse no tempo e no espaço as relações entre esses eventos.

De fato, o universo do aprendizado inconsciente infantil é bastante complexo. Muitas dessas descobertas, nós poderíamos dizer, talvez já estejam pré-programadas em sua mente inconsciente ou nos seus genes.

Entretanto, nem todas as aprendizagens seguem exatamente esse caminho e, em muitas outras ocasiões, fica faltando o “manual de instruções” para dar as diretrizes do aprendizado subsequente. Nem mesmo nossos pais possuem um manual que lhes garanta completo sucesso em orientar nossas explorações, educação e aprendizagens.

Graças a isso, grande parte de nossas aprendizagens, mesmo que pré-programadas inconscientemente, ou mesmo pelo nosso ambiente, são adquiridas experimentalmente – no método empírico ou, se preferir, na tentativa e erro.

De forma semelhante, o conhecimento coletivo conquistado e mantido por um grupo social ou um povo, aquilo que nós chamamos de cultura, também se desenvolve empírica e criativamente, porém numa outra dimensão de tempo. Desenvolve-se também na tentativa e erro, numa sucessão quase interminável de eventos, repetições e fases.

As considerações anteriores tratam da “fertilização”, deliberada ou não, do “terreno criativo”. Portanto, se desejarmos receber os frutos dos processos criativos de primeira ordem, devemos buscar, tanto quanto nos seja aceitável, aquelas situações de desestruturação de paradigmas, de enfraquecimento de condicionamentos e de libertação de bloqueios e preconceitos, de todas as ordens possíveis – na prática, isso valida a busca ou a aceitação incondicional dos estados de confusão – o que pode vir a ser bastante estressante. Tudo dependerá, portanto, de sua coragem, de sua disposição e de sua disponibilidade para enfrentar tais situações, como nos casos do *Vendedor de Ignorância* e do *Vendedor de Fracassos* (citados à página 190).

Sob esta perspectiva, ainda, talvez você agora possa compreender mais profundamente o longo trabalho proposto na seção de hierarquia e classificação de valores, o porquê de tantas perguntas e exercícios. Se você ficou confuso, então atingimos nosso objetivo! Isso porque, dessa fecundação men-

tal e emocional possivelmente tenha nascido uma nova motivação, quem sabe novos objetivos ou idéias, sonhos e planos de vida tão interessantes quanto aqueles que nós, autores deste livro, identificamos em nós mesmos quando passamos por tais experiências de interiorização. Caso você não tenha se envolvido em tais exercícios, sugerimos que não os despreze, pois os ganhos podem superar em muito os investimentos.

Criatividade de segunda e de terceira ordens

Para essas categorias de manifestação de sua força criadora, há vários artifícios que podem abrir “frestas” através das quais será possível sondar e buscar relações e vínculos entre conhecimentos ignorados pelo pensamento lógico ou racional tradicionais. Algumas dessas técnicas, que incluem os sistemas de *job rotation*, *brain storming*, *master mind*, pensamento lateral e técnicas de geração de idéias publicitárias, entre outras, estão associadas à elaboração de perguntas que possam direcionar a mente a buscar respostas específicas, com a finalidade de transpor ou perpassar os bloqueios, os condicionamentos ou a ausência de idéias.

Essa é a competência mais comumente utilizada ou estimulada pelo uso dos mapas mentais. Principalmente na medida em que os vínculos e classes de informações revelam relações entre conhecimentos e estabelecem novos arquivos nos quais eles possam ser armazenados. Não obstante, muitas vezes precisaremos dessa competência bastante desperta para sermos capazes de criar conhecimento enquanto utilizamos o mapeamento mental como uma “ferramenta” de apoio desse processo. A seguir, subiremos mais um degrau de consciência, com a finalidade de adquirirmos mais desenvoltura no uso de perguntas para “abrir arquivos” mentais.

Verdades Profundas

O primeiro grupo que abordaremos diz respeito a um importante “lubrificante” mental que nos ajudará a “escorregar” para outras dimensões de resposta: trata-se das **Verdades Profundas**. Mesmo que todo esse assunto ainda seja muito estranho para você, faça uma lista de adjetivos ou qualidades que você atribui a si próprio ou que as pessoas atribuem a você.

Sim, algo simples, não complique. Minha lista seria: sou alto, loiro, quase careca, magro, tenho boa coordenação motora, sou teimoso, alegre etc. Anote essas qualidades ou defeitos em uma coluna à direita de uma folha de papel.

Agora, na outra coluna, ao lado esquerdo de cada um daqueles adjetivos, escreva o antônimo correspondente (a idéia ou qualidade exatamente oposta).

No meu exemplo, teria escrito: baixo, moreno, gordo, desastrado ou atrapalhado, adaptável, triste “anti-etc.”. Agora observe que existem pelo menos dois tipos de adjetivo diferentes. À primeira categoria quero dar o nome de “**Verdades Simples**”: alto/baixo, loiro/moreno, magro/gordo etc. Ao considerarmos o primeiro dos adjetivos como verdadeiro, o segundo é automaticamente falso.

Então, “**Verdades Simples**” são aquelas cuja negação é uma mentira: se eu sou magro, estarei mentindo ao afirmar que sou gordo. Porém, existe uma segunda categoria de verdades, e estas nós não aprendemos na escola. Se tivéssemos aprendido, nosso hábito de julgar e pré-julgar os acontecimentos teria se estruturado de forma diferente.

Estas são as “**Verdades Profundas**”: muito prazer em conhecê-las! Observe. Estarei falando a verdade quando afirmo que sou alegre; também estarei falando a verdade se afirmar que sou muito triste, pelo menos em algumas ocasiões.

Neste momento, percebemos que ser alegre ou ser triste não se refere a uma questão de identidade, mas sim de estado. **Verdades Profundas** são aquelas cuja negação também é uma verdade. E acredite, o universo humano está muito mais povoado de **Verdades Profundas** do que de **Verdades Simples**.

Esse é um primeiro passo neste mundo em que as coisas são e não são, um universo no qual os paradoxos podem coexistir pacificamente, no qual a lógica é outra e nossos sentidos racionais devem reaprender a funcionar. Sugiro que agora teste mais um dos seus possíveis automatismos: volte cinco parágrafos atrás e avalie se construiu a lista original de adjetivos numa coluna à direita, como foi solicitado, e se a segunda lista, de antônimos, foi feita depois numa coluna à esquerda do papel. Caso você tenha feito diferente, saiba que algum condicionamento pode ter sido o responsável por obscurecer sua compreensão das instruções. Ou, talvez, tenha exercitado a saudável rebeldia de fazer diferente, pelo menos a título de curiosidade. Essa brincadeira de mudança de referenciais também serve para revelar um outro condicionamento, ilustrado pela pesquisa a seguir.

Por quê? Porque...

Coloquemos agora outros “óculos”. Foi feita uma pesquisa em uma universidade americana na área de psicologia comportamental com as seguintes características (cenário): um rapaz com material escolar em mãos mantinha-se próximo a uma máquina copiadora e, toda vez que a fila de

peças que aguardavam a vez para tirar cópias atingia cinco candidatas, ele se aproximava do primeiro da fila e pedia para passar à sua frente.

Na primeira fase do experimento, esse pesquisador, que se identificava ficticiamente como estudante, pedia a oportunidade de “furar a fila” justificando que seu professor o enviara com urgência para fazer as cópias, pois dependia desses materiais para uma atividade (quem sabe, uma prova). Nessa fase, obteve permissão para “furar a fila” em 70% dos casos.

Na segunda fase, pedia ao primeiro da fila, mas não apresentava nenhuma justificativa. Apenas pedia: “Posso passar à sua frente?” Aqui obteve permissão em 40% das ocasiões. Se analisássemos a experiência apenas até aqui, provavelmente tiraríamos algumas conclusões precipitadas.

Surpreendentemente, o resultado da terceira fase apresentou uma dimensão da estrutura de nossas decisões talvez ainda impensada: ao pedir para operar a máquina para o primeiro da fila, oferecia uma justificativa completamente *non sense* (absurda), como, por exemplo: “Deixe-me tirar essas cópias na sua frente porque hoje vai chover e os jacarés não poderão tomar sol”. Impressionante: 70% das pessoas permitiram que o rapaz se antecipasse nas cópias.

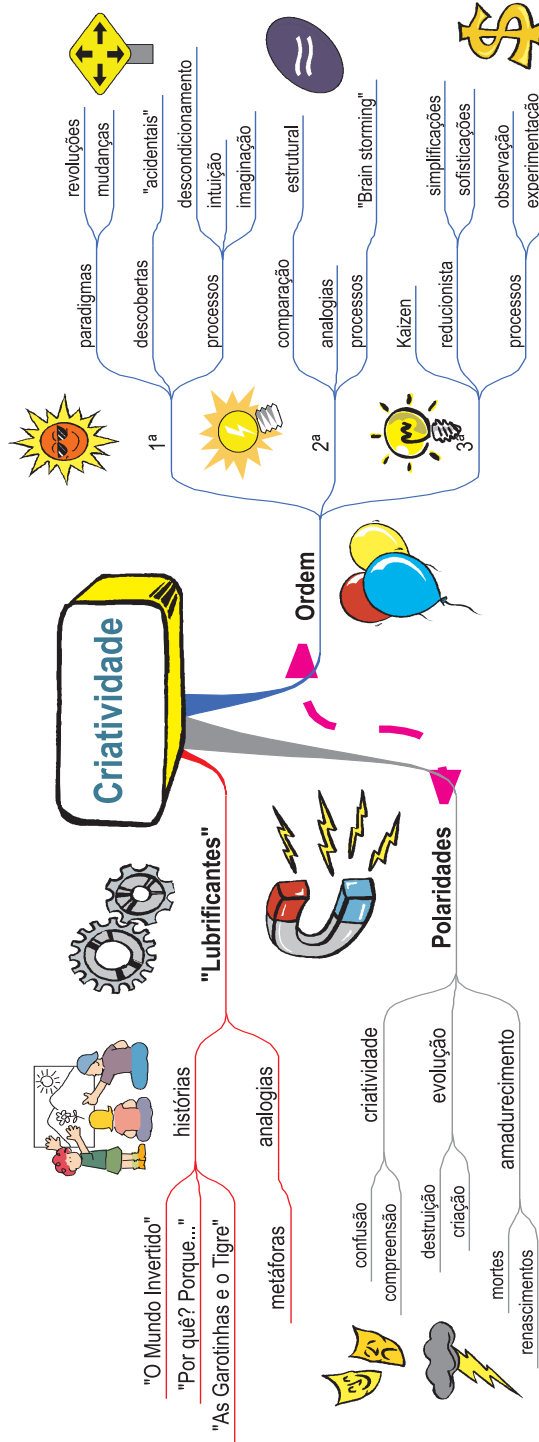
Essa pesquisa parece revelar um hábito bastante comum em nossa cultura: o da aceitação dos porquês e o vício de se encontrar uma justificativa para tudo. De fato, muitas vezes, pouco importa a precisão da análise ou o compromisso com a verdade: “Foi assim porque...”; “Foi aquilo por...”; “Será isso pois...”. Como se realmente as relações causais no universo da experiência humana fossem assim simples. Poderíamos até perguntar: “Por quê...?”

Se acrescentarmos à história anterior mais esta outra compreensão que descrevo a seguir, então estaremos criando espaço mental e emocional para pensar e sentir um pouco diferentemente. Enfim, renascer é encontrar formas novas de ser e de agir.

Deslocamento de Identidade

A segunda categoria da qual trataremos diz respeito ao deslocamento de identidade ou transidentificação (procedimento tanto mais comum quanto maior for sua capacidade de estabelecer empatia – a famosa habilidade de colocar-se no lugar de alguém). É o caso já comentado daquela jornalista que havia descoberto dentro de si mesma a competência que necessitava durante grande parte de sua vida, a objetividade (citado na página 24, último parágrafo da seção **Aprendendo a Aprender**).

Leve em conta que para prosseguir no próximo exercício, você não deverá tratar cada pergunta de uma forma descomprometida, tal qual menciona-



da na história anterior. Isto é, desejamos que você realmente leia ou repita as perguntas algumas vezes e busque dentro de si as respostas, tanto as automáticas e já condicionadas quanto as outras respostas, além das “respostas certas”.

Você mesmo(a) poderá testar o valor de tais perguntas numa situação em que necessite desviar de alguns condicionamentos de pensamento, isto é, transpor alguns limites ou bloqueios de fluxo livre de idéias. Aplique essas perguntas ou “filtros” a qualquer assunto ou objeto do qual deseje extrair uma quantidade maior de informações. Sugiro que você, nas primeiras explorações, responda a essas perguntas por escrito (dessa forma, ainda poderemos ilustrar mais curiosidades desse processo de autodescoberta).

Tome um objeto ou assunto qualquer, sobre o qual queira expandir sua consciência, e responda por escrito às seguintes perguntas a respeito do objeto ou assunto (sugerimos que você utilize um objeto na primeira exploração, pois isso facilitará sua compreensão do processo):

1) O que é isso?

Obviamente, espero que a resposta seja consistente. Porém, observe que alguns pensamentos podem acompanhar esta resposta, tais como: “Que pergunta idiota...”, “De que me serve esta resposta?” ou “Aonde será que uma pergunta destas vai me levar?” etc. Quem sabe até, naturalmente, julgando esta pergunta, surja uma brincadeira, mentira ou ironia. Perceba que esse mecanismo de lidar com perguntas simples e óbvias pode ter-se transformado em uma armadilha de comportamento ou, se preferir, um automatismo mental: sempre que a pergunta é muito óbvia, então a resposta não deve ser objetiva. Na maior parte das vezes, a resposta a essa pergunta é única e assertiva. Essa é uma pergunta tipicamente convergente: existe apenas uma resposta certa. É como se houvesse uma “gaveta” ou “arquivo mental” no qual estão armazenadas as respostas certas – e não existe nada de errado nisso, afinal, fomos adestrados a obter e oferecer tais respostas em todo o nosso processo educacional. Observe, porém, que ficar aprisionado(a) somente nesse universo de respostas nos afastará da realidade humana.

2) O que pode ser isso?

Respostas por escrito, novamente. Essa é uma pergunta tipicamente divergente: existem muitas respostas certas. Possivelmente você obtenha várias respostas, incluindo funções pouco convencionais,

como por exemplo: um brinquedo, se estiver na mão de uma criança; uma arma, na mão de alguém que esteja bravo; na mão de um adulto... etc. Tudo, é claro, dependendo da natureza do assunto ou objeto escolhido. Observe que, talvez, a resposta à primeira pergunta esteja incluída nesta resposta, entretanto, a natureza das respostas pode ser bastante diferente. Uma das áreas na qual atuo como educador é na formação motivacional de empreendedores. Dentro desse grupo, chamado de empreendedores, existe um subgrupo chamado de inventores. Os olhos dos inventores observam o mundo através dessa “outra lente”. Eles pouco olham para o mundo como ele é. Eles vivem num universo que ainda não foi construído – exceto na própria imaginação. Cada vez que ouvem a primeira pergunta (convergente), suas mentes, na verdade, processam a segunda pergunta (divergente). Não obstante, essa é uma possibilidade de qualquer pessoa. Avalie também os sentimentos despertados por cada uma das perguntas e compare os graus de conforto ou desconforto em cada uma delas. Essa pergunta poderia ser ainda menos diretiva caso fosse formulada da seguinte forma: “O que poderia ser isso?” Avalie as sensações e sentimentos de liberdade mental que cada uma das duas perguntas oferece.

3) O que eu percebo disso?

Para essa pergunta a resposta é ainda mais livre. Você pode escrever qualquer coisa que desejar, desde que esteja relacionada com o objeto ou assunto de estudo: pode ser uma redação, uma narração, uma descrição, uma história ou uma poesia que lhe venha à mente ao tratar disso. Não importa como irá se expressar, desde que ainda mantenha o foco no objeto ou assunto de estudo. Agora a escrita pode ser fluente. Independentemente daquilo que você escreva, esta resposta provavelmente será diferente das anteriores, mesmo que esteja relacionada com alguma delas. Perceba que o mesmo objeto pode ser apreendido de diferentes perspectivas – uma outra dimensão de expressão deve ser ativada.

4) O que eu perceberia se, na minha imaginação ou na minha memória, eu estivesse no lugar disso (objeto ou assunto)?

Considere agora o objeto (ou o assunto) e você, o observador. Porém você, em sua imaginação, se colocará no lugar do objeto (ou o assunto) e descreverá, narrará ou se expressará como se você esti-

vesse no lugar do objeto (ou assunto), sendo estudado ou avaliado pelo mundo ao seu redor. Sua expressão também é livre, responda qualquer coisa que desejar, à medida que observa também os seus sentimentos e pensamentos, principalmente os pensamentos automáticos e insistentes. É uma experiência fantasiosa ou operada na sua memória. Você poderá lembrar-se, a partir do ponto de vista de estar no lugar do objeto (ou assunto), de suas reações, comportamentos ou trejeitos durante as etapas anteriores (enquanto elaborava as respostas anteriores). Ocasionalmente, alguns pensamentos ou idéias apresentados podem ser curiosos – você também pode anotá-los, mesmo que não tenham relação aparente com o tema. Provavelmente, esta resposta não será em nada parecida com as anteriores. Perceba que, entretanto, é mais uma percepção possível e associada à existência daquele determinado objeto (ou assunto) de estudo. Se o objeto fosse outro, possivelmente as conclusões seriam outras ainda diferentes, logo essa dimensão de experiência ainda se relaciona com o objeto.

- 5) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação ou na minha fantasia, eu fosse esse assunto ou objeto?

Vamos fantasiar ainda mais. Imagine agora que você é o objeto (ou o assunto em questão). Mais uma vez, você deve registrar suas idéias, seus pensamentos e seus sentimentos. Aproveite para expressar-se livremente, pois esse é apenas um exercício de descondição dirigido. Novamente poderá ser uma narração, descrição, redação, poesia etc. Você poderá alucinar tanto quanto for capaz ou desejar. Enquanto isso, permaneça atento(a) às idéias, pensamentos e sentimentos despertados pelo processo. Será que a resposta é ainda diferente das anteriores? E os seus sentimentos? Você impõe mais ou menos restrições para responder a essas perguntas cujo grau de liberdade e de abstração (ou de “loucura”) está aumentando? Vamos adiante.

- 6) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação, na minha fantasia ou na minha memória, eu fosse observador de mim mesmo, observando e avaliando os meus comportamentos durante a elaboração das respostas às perguntas anteriores?

Mais um texto como resposta. O ponto de observação, agora, novamente na imaginação, na fantasia ou na memória do observa-

dor, deve estar próximo de si, mas deve ser um ponto com ângulo de visão que inclua a si mesmo e o objeto observado. Um ponto de vista de onde seja possível perceber também o espaço físico entre observador e objeto (ou assunto) observado – como no caso de você ter filmado as etapas anteriores do exercício, enquanto respondia às perguntas passadas, e agora iria assistir e criticar o filme (utilize, entretanto, o filme de sua memória, lembrando-se de tudo o que fez nessa interação com o objeto ou assunto). Perceba que assim é possível abstrair ou alucinar uma interação entre ambos: observador e objeto ou assunto observado. Você será observador(a) de si mesmo e da relação com o tema. A que conclusões chega? Mais uma exploração divergente que, além disso, aguça o senso crítico extraordinariamente. Para alguns, mais severos, lhes desperta um certo senso de ridículo – lembre-se de que isto é somente uma brincadeira e, no entanto, nos revela uma série de previsibilidades aprendidas culturalmente. Perceba que as respostas ainda podem diferir das anteriores, apesar de fazerem parte da interação com o mesmo objeto ou assunto.

- 7) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação, na minha fantasia ou na minha memória, eu pudesse agora conhecer as finalidades deste exercício, colocando-me na posição de arquiteto do exercício, de escritor deste livro ou de planejador dessa experiência?

Esta é a última experiência. É para considerar as percepções do aplicador do exercício ou dos escritores deste livro. Sim, de uma perspectiva mais distante ainda, o que estaríamos pensando ou buscando, os aplicadores ou escritores, ao propormos tais experiências. Mesmo considerando que, do ponto de vista dos escritores, que já aplicaram esta vivência inúmeras vezes, seja possível antecipar uma parte das reações mais comuns, ainda assim, quais seriam os objetivos? De fato, ainda deste ponto de vista, numa perspectiva mais ampla de espaço e de tempo, as reflexões podem ainda ser bem diferentes de todas as anteriores. Uma outra dimensão de respostas que, enfim, quem sabe, tenha exigido mais de uma página de considerações.

Embora tenhamos tratado de apenas sete perguntas, é fácil inferir que poderíamos ter criado inúmeras outras para prosseguir nesse exercício de identificação com diferentes pontos de vista através dos quais pudéssemos obter uma compreensão cada vez mais rica da situação, enquanto estivéssemos exer-

citando nossa capacidade de estabelecer empatia (mesmo com situações ou objetos inanimados), aumentando nosso grau de consciência do fato, assunto ou objeto.

Tratando das respostas às perguntas anteriores, em quais delas você observou que seus pensamentos, idéias ou sentimentos fluíam mais facilmente? Em quais delas você teve menor fluidez de expressão?

Você poderá aprofundar ainda um pouco mais essa experiência ao utilizar-se do conjunto de perguntas apresentado na seção de **Ordenação e Hierarquia**, exercícios 12 e 13, presentes nas páginas 185 e 186 (embora aquelas questões sejam sobre a identidade, ainda assim você poderá aprofundar a experiência interior a partir dessa nova perspectiva).

Utilizamos somente 5% de nossas Capacidades?

Em várias ocasiões, quer em reportagens ou em documentários dos programas de televisão, escutamos ou vimos que o ser humano mediano utiliza-se somente de uma pequena parcela de suas capacidades mentais (estima-se algo em torno de 2% a 10%) e, talvez, 15% de suas capacidades físicas – embora alguns cientistas questionem como foram obtidas essas medições, pois não acreditam ser possível avaliar a capacidade total. Creio que cada um de nós, uma vez pelo menos, já ouviu dados semelhantes, e possivelmente acreditou nisso, caso contrário nunca teria se interessado por desenvolver tais potencialidades supostamente escondidas ou adormecidas.

O mais interessante é que talvez não tenhamos formulado a pergunta seguinte. Pensamos o dia todo: acordamos pensando, vamos dormir pensando e, à noite, se acordarmos para ir ao banheiro, pensamos também! Assim, se pensamos quase que 100% do nosso tempo de vida consciente, quando sobraria tempo para exercitar e utilizar os outros 90% ou 98% por cento de nossas capacidades mentais?

As boas notícias são que essa maior parte de nossa mente funciona o tempo todo. Para a maior parte das pessoas, é uma existência independente, que se apresenta ocasionalmente num momento de *insight*, intuição ou coincidência. Perceba que aquelas sete respostas (o que é; o que pode ser; o que eu percebo etc.) estavam disponíveis dentro de você mesmo(a), como “arquivos” ou “gavetas” de informações, apenas esperando para serem utilizadas.

Agora, já conhecendo a experiência anterior, se fôssemos repeti-la com outros objetos ou assuntos, ou mesmo com outros pontos de vista (outras perguntas), não precisaríamos seguir exatamente a mesma ordem. Todas aquelas respostas (dimensões de percepção) coexistem dentro de cada um de nós,

basta saber encontrá-las quando precisamos, assim como aquela jornalista encontrou sua própria objetividade.

Portanto, criatividade, assertividade, tranquilidade, sensibilidade, concentração, motivação, bom humor, curiosidade, alegria etc. estão dentro de nós, o tempo todo! Assim como, enquanto estamos lendo não deixamos de sentir as sensações corporais de estarmos sentados, de pé ou deitados, não deixamos de escutar os sons, apenas não estamos conscientes dessas percepções. Todas coexistem, simultaneamente, em nosso universo inconsciente.

Identities Distintas

Talvez você já esteja se perguntando: “O que isso tudo, que é muito interessante, tem a ver com os nossos objetivos?” Como comentei anteriormente, esta experiência é uma pedra angular para despertar uma compreensão mais profunda e prática da sua capacidade de criar e de se expressar criativamente.

Se você foi aplicado e, como solicitei, respondeu por escrito àquelas sete questões, então agora teremos oportunidade de observar algo de muito interessante. Caso contrário, volte um pouco atrás e complete o exercício para que possa avaliar mais uma curiosidade a seu próprio respeito. Agora você poderá utilizar-se daquelas sete respostas que deu por escrito para comparar minuciosamente a sua própria caligrafia e fluência das idéias registradas em cada uma das respostas. Como variáveis de observação e análise, note: inclinação, curvatura, tamanho e espaçamento entre letras; inclinação e espaçamento entre palavras e linhas; tensão da caneta ou lápis sobre o papel (o quanto o verso da página na qual você escreveu está marcado em relevo); fluência das palavras e coerência das idéias, quantidade de rasuras ou gírias, linguagem mais telegráfica ou prolixa, tipos de idéias ou sentimentos relacionados etc.

Perceba que, para cada estado interior, possuímos uma identidade motora e nervosa distinta. Sim, toda a nossa tensão e tônus muscular se relacionam com nossos estados interiores. O que nos interessa é, pelo menos, uma compreensão intuitiva que acompanhe as percepções que apontamos imediatamente antes.

Em qualquer dos exemplos anteriores, uma das questões mais importantes que podemos considerar pode ser ponderada ao respondermos à seguinte pergunta: “Quem sou eu?” Talvez você prefira responder a outra pergunta: “Como eu sei quem sou, pela manhã, quando acordo?” Você precisa olhar na cédula de identidade ou no espelho para se lembrar de quem é? Não!

Nós possuímos uma memória de quem somos nós. Dessa forma, nos reconhecemos em nossas manias e em nossas formas de pensar, sentir, agir, olhar, comer, acordar, ir ao banheiro, etc. É exatamente essa memória de quem so-

mos que, na dimensão de nossos hábitos musculares e fisiológicos, mantém nossa aparência física.

Grande parte de nossas formas de ser e de nos movimentar são aprendidas inconscientemente em nossos meios familiares. Você já percebeu que os filhos andam, falam e comem de forma semelhante aos próprios pais? Que também possuem doenças e sintomas semelhantes, de vez em quando? É quase tudo aprendido.

Talvez você discorde, afirmando que seja genético, enquanto coloca um ponto final em suas conclusões de que estamos falando bobagens. Então, como explicar o fato de que filhos adotivos muitas vezes se parecem com os pais adotivos ou que casais bem-sucedidos em suas vidas conjugais, após vários anos, possuem expressões faciais, hábitos e comportamentos semelhantes?

Grande parte do que somos aprendemos inconscientemente de nossos pais ou mestres: movimentos, gestos, tensões e hábitos musculares, expressões faciais e a própria forma de respirar, postura, forma e tempo de se alimentar, o que e quando beber, fumar etc.

Portanto, como já mencionamos algumas vezes, esses processos de aprendizagem verdadeiros e profundos certamente criarão novos hábitos motores, assim como o processo de desbloqueio profundo não será apenas mental ou emocional, e proporcionará também mudanças em nossos padrões motores e sensoriais.

A seguir, vamos tratar de mais artifícios que nos permitam encontrar ainda outras “passagens” para ambientes de expressão mais livres. Através deles, poderemos reencontrar dentro de nós mesmos mais possibilidades de expressão, embora tais “atalhos” sejam um pouco casuais, isto é, os resultados que uma pessoa obtém podem ser muito distintos dos resultados de outra pessoa, afinal de contas, trata-se da criatividade.

Perguntas

Conforme já tratamos detalhadamente em seções anteriores, você deve ter notado que alguns dos *insights* e conclusões aos quais você chegou foram obtidos enquanto buscava responder a algumas perguntas que propusemos. As perguntas possuem uma propriedade muito interessante: elas são capazes de “abrir arquivos” e resgatar informações. Rudyard Kipling disse, certa vez: “Mantenho seis servidores honestos, eles me ensinaram tudo o que sei. Seus nomes são: **o quê, por quê, quando, como, onde e quem**” (Lead).

Dessa forma, além do contexto de transformação pessoal nos quais utilizamos várias perguntas nas outras seções, você poderá usá-las para ajudar a elaborar mapas e revelar informações ou vínculos que possam não estar completamente

aparentes. Assim, nos itens a seguir, classificamos algumas perguntas que podem lhe ser úteis. Saiba que há incontáveis outras que você poderá usar à medida que tenha treinado sua habilidade de perguntar. Lembre-se de que, na história da ciência, foram exatamente boas perguntas que nos impulsionaram.

- 1) O que eu quero?
- 2) Do que se trata?
- 3) O que é?
 - a) O que pode ser isso?
 - b) O que poderia ser isso?
 - c) O que mais seria isso?
 - d) Com o que isso se parece?
 - e) Existem comparações, analogias ou metáforas para tratar disso ou representar isso?
 - f) O que eu percebo disso?
 - g) O que eu perceberia se, na minha imaginação ou na minha memória, eu estivesse no lugar disso (objeto ou assunto)?
 - h) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação ou na minha fantasia, eu fosse esse assunto ou objeto?
 - i) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação, na minha fantasia ou na minha memória, eu fosse observador de mim mesmo, observando e avaliando os meus comportamentos durante a elaboração das respostas às perguntas anteriores?
 - j) O que eu perceberia, pensaria ou sentiria se, na minha imaginação, na minha fantasia ou na minha memória, de um ponto de vista ainda mais amplo, eu pudesse compreender isso de uma forma mais geral?
 - l) Se uma criança visse isso, o que pensaria ou lhe pareceria?
 - m) E se...?
- 2) Por quê?
 - a) Por que não?
 - b) Se a razão não fosse essa, qual seria?
 - c) Que outras razões existiriam para justificar isso?
- 3) Quem?
 - a) Quem mais?
 - b) Quem não?
- 4) Como funciona?
 - a) Como funcionaria se...?
 - b) E se não funcionasse assim, como seria?

- 5) Quando?
- 6) Onde?
- 7) Quanto?

Muitas vezes ficamos aprisionados a alguns conceitos, mas algumas perguntas podem nos ajudar a mudar de perspectiva. Por exemplo, veja os símbolos abaixo e diga com o que se parecem:

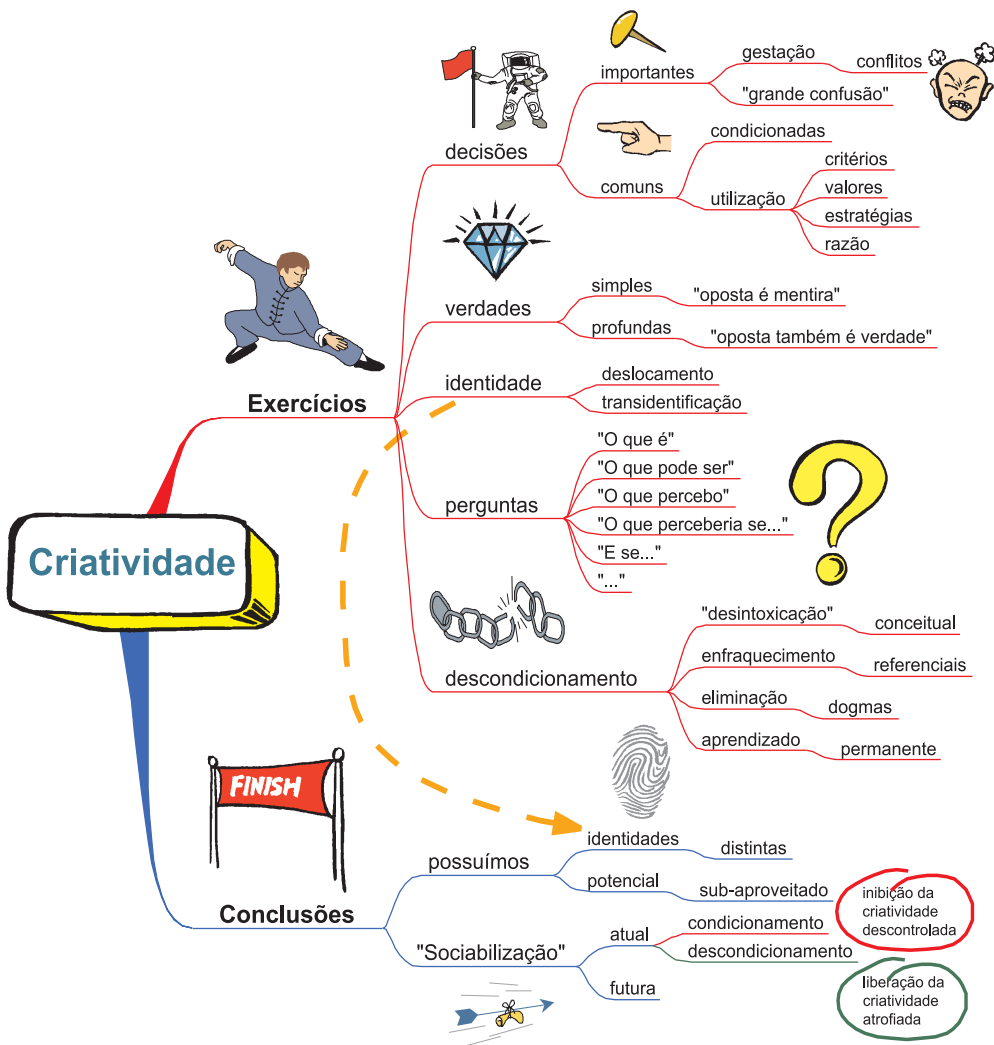
1	A
2	B
3	C
4	D
5	E

Vamos libertar ainda mais a imaginação e permitir que a fantasia tome conta de nós por alguns minutos. Depois desejamos que você continue esse exercício de desintoxicação conceitual, de acordo com o tempo que você dispõe, com alguns outros símbolos gráficos que conhece: pelo menos até o número 20 e o alfabeto até a metade. Essa será uma ótima forma de você exercitar o pensamento divergente. Trate cada um dos símbolos anteriores apenas pela sua forma, como se fossem desenhos de uma criança antes de ser alfabetizada. Com o que se parecem?

- 1 → Uma agulha, um poste, uma bengala, um pé-de-cabra, etc. (dependendo da dimensão).
- 2 → Um gancho, um patinho na lagoa, um banquinho anatômico, um “n” (letra ene) deitado etc.
- 3 → Um dáblio de pé, um eme de pé, um “E” invertido, dois seios saudáveis, um meio soco inglês etc.
- 4 → Um esquadro, a ponta de uma flecha, um triângulo pequeno etc.
- 5 → Uma prateleira moderna, um grampo de papel, um sujeito ajoelhado de braços estendidos etc.
- A → Um tripé de lado, um vaso com água de ponta-cabeça, um peso de papel etc.
- B → Dois livros espessos empilhados, um par de óculos, duas argolas presas no teto etc.
- C → Um anel, um brinco ou uma pulseira, um nariz visto de baixo etc.
- D → Um peso de papel, um mata-borrão etc.
- E → Uma prateleira, as pontas de um garfo, uma mesa deitada etc.

Agora é a sua vez de explorar sua imaginação. Você poderá estender esses exercícios até sentir que obteve seus benefícios. Para encerrar esta seção, vamos a mais uma história que possa lembrar algumas de nossas considerações sobre o assunto criatividade.

Tomando agora aquela metáfora que você construiu para representar sua vida, conforme propusemos na seção de **Comparação, Classificação e Analogias**, na página 163, avalie se a metáfora é a mesma ou se ela transformou-se depois de tantos outros exercícios. Caso não a sinta mais como representativa de você, então, após a leitura da próxima história, tome um tempo para elaborar uma nova analogia para sua vida.



Duas Garotinhas e o Tigre

Um dia, convidado por uma amiga para ir a uma festa, encontrei-a no local. Era uma reunião de "queijo e vinho" com dança. De tantas conversas e situações, numa delas, conversando com minha amiga, ela contou-me que em 15 dias, sua afilhada que morava no interior viria a São Paulo.

Todas as vezes que essa menina vinha, ela tirava um dia de folga em seu trabalho para levá-la para passear e brincar. Naquela ocasião, então, pretendia levar a pequena ao Museu do Ipiranga.

Contei-lhe que se quisesse ir ao Jardim Zoológico, eu lhe faria companhia, pois era um passeio que me interessava, há muito tempo, repetir. Disse-me que o passeio que planejara seria muito importante para a construção da cultura e da educação da pequena. Sem sombra de dúvida, concordei. Porém, eu não tinha interesse em visitar o museu.

Nossa conversa tomou outro rumo. A festa se foi e, após uma semana, surpreendi-me com uma ligação dela, interessada em saber se eu ainda iria ao Zôo – mudara de idéia. Mais uma semana se passou e nos encontramos para o passeio. Ela passou em casa para me buscar.

Quando entrei em seu carro, havia duas meninas de 7 anos no banco de trás. Sua afilhada e uma priminha da pequena, em cuja casa ela se hospedava quando vinha a São Paulo. Elas já sabiam o meu nome, escutei o delas, mas logo esqueci.

Foi, dessa forma, iniciado o primeiro contato. Sinto-me, muitas vezes, inábil no trato com crianças – fui filho único e, praticamente, educado entre adultos. Porém, quando era instrutor de tênis, desenvolvi algumas formas empíricas de relacionamento com crianças.

Conforme minha amiga iniciou o percurso em direção ao parque, virei-me para trás no carro, para interagir com as crianças. Começamos a conversar. Entre algumas das coisas que falamos, disse-lhes que estávamos a caminho do Zoológico e que iríamos ver o macaco, a zebra, a girafa, o elefante, o cisne, o leão...

Então eu disse: "Por falar em leão... Eu tenho um tigre imenso!" Rapidamente retrucaram: "Que tigre... Que tigre?" Continuei: "Ah, meu tigre é lindo, tem um pêlo bonito, olhos grandes, brilhantes e dourados..."

Assim elas se empolgaram: "Onde está o tigre?" Respondi: "Meu tigre? Ah, ele está sempre por perto de mim, junto comigo... É mesmo, é verdade, ele não cabia aqui dentro... Por isso subiu na capota quando eu entrei no carro. E vocês não o viram!"

"É mentira! Não existe nenhum tigre! Se ele tivesse subido na capota, ele teria amassado o teto do carro!" Opa! Escorreguei, pensei. Então disse: "Ah, mas meu tigre é mágico! Ele só pesa quando ele quer pesar, por isso não amassou a capota".

Qualquer leitor que conheça as histórias e *cartoons* do Calvin e do Haroldo (Calvin & Hobbes, de Bill Waterson) sabe do que eu estivera falando. Insisti: "É verdade, eu

tenho um tigre". Elas mais uma vez atestaram: "É mentira! Você está inventando! Não existe nenhum tigre!".

Eu reforçava, com suavidade, e cada vez contava-lhes algo diferente sobre o meu tigre. Cada vez elas se esforçavam mais para negar-lhe a existência. Esse conflito permaneceu por vários minutos.

Minha amiga, ao volante, inteligentemente, mantinha-se em silêncio. Finalmente esse assunto se acalmou, quase repentinamente. Lembro que tive a oportunidade de respirar mais profundamente uma ou duas vezes. Lá de trás veio, então, uma pergunta "mortal": "Quem declarou a Independência do Brasil?"

Nada mais justo, na minha opinião. Depois da provocação que eu fizera, devolveram-me em igual moeda. Agora questionavam as bases de sustentação da minha noção de realidade. O desafio continuou, eu diria perpetuou-se!

Inicialmente, respondi que não sabia, depois tentei alguns nomes: "Foi o Seu Joãozinho"; "Então... Foi o Seu Manoelzinho". Negativas. Não somente diziam que eu estava errado, como complementavam com a constatação de que eu era burro!

Interagindo com elas, ironicamente continuei a brincadeira, foi uma breve eternidade... Enfim, contaram-me a **resposta certa**! Sem descanso, a outra pequena indagou: "E quem era a esposa do D. Pedro I?" Para essa pergunta não havia a mínima chance de acertar, porém, tentei: "Foi a Dona Mariazinha..."

Tudo se repetiu, diziam que eu era burro, não sabia a resposta. Arrisquei mais alguns nomes. Não acertei. Finalmente, elas deram-me a **resposta certa**! Novamente: "Quem era o amigo do peito do D. Pedro I?" Sem condições... Experimentei alguns nomes e, errando, descobri através delas qual era a **resposta certa**.

A essa altura, já tínhamos percorrido quase metade do percurso para o Jardim Zoológico. Num dia de semana, esse caminho toma quase 40 minutos! Após rápido intervalo, depois de todas aquelas perguntas, seguiu-se outra: "E o tigre?" Começou tudo outra vez!

Eu contava sobre as características e hábitos do meu tigre e elas afirmavam, já com menos convicção, que eu estava mentindo. Repetidamente, reforcei minha assertiva: essa era **uma outra verdade**! Eu não estivera mentindo. Mais alguns minutos se foram nesse "duelo". Finalmente, também silenciou.

Ainda outra vez ouvi: "Quem declarou a Independência do Brasil?" Nessa oportunidade, então, afirmei que não erraria a resposta. Agora sabia a certa: "Foi o seu Pedrinho". Não, não era essa a resposta. Repetiram que eu era burro! Disseram que tinha sido o senhor Dom Pedro I.

Tentei explicar-lhes que eu estava falando da mesma pessoa. Dom Pedr-o... Seu Pedr-inho... Eram o mesmo! Não servia a minha resposta, elas sim, tinham a **resposta correta**. Ainda mais uma vez perguntaram-me sobre a esposa de D. Pedro I. Disse-lhes que havia sido a Dona Dina. Também não servia...

A resposta certa era D. Leopoldina. Ainda uma vez mais me perguntaram sobre seu amigo do peito. Respondi: "Foi o Boni!" Não, não! José Bonifácio era o certo. Ainda tentei convencê-las, algumas vezes, ser o mesmo! Era isso que eu quisera dizer! Não, não servia...

Inesperadamente, tive um *insight*: Eureka! Dirigi-me à minha amiga, que permanecia ainda em silêncio. Estávamos num pequeno congestionamento na avenida de entrada no parque, e disse: "Puxa vida! Elas não querem acreditar no meu tigre... Ainda mal sabem falar, mal sabem andar e já estão acreditando na maior história da carochinha!"

Eu não sei o que você, leitor, estudou de história, posso falar apenas sobre mim. Passei oito anos do ensino básico, ano a ano, ouvindo a mesma coisa nas aulas de Estudos Sociais e História.

Quando, enfim, cheguei ao segundo grau, os professores de história então, com um certo cuidado, contaram-me que a história aprendida anteriormente seria acrescida de alguns novos detalhes, e algumas situações seriam entendidas com maior profundidade.

Mas aqueles de vocês que chegaram a estudar história no terceiro grau, na faculdade, devem ter observado nesse nível quão poucos são os professores que têm o respeito e o cuidado com os 11 anos investidos até então no estudo da história.

Não raro, iniciam seus cursos dizendo: "Esqueçam tudo o que aprenderam até hoje, agora vocês vão finalmente estudar história!" E nem isso me garante ser essa a verdadeira história, afinal de contas, nunca escutei a versão dos índios, dos maias, dos astecas, dos povos conquistados e perdedores em geral.

Uma matéria de capa da revista *IstoÉ* de outubro ou novembro de 1997 dizia, em letras garrafais, algo como: "A verdadeira História do Brasil"; subtítulo: "A história que não nos contaram".

Outra reportagem de capa, em letras garrafais, da revista *Superinteressante* de fevereiro de 1997, talvez 1998: "Humilhe o seu professor de História"; tinha um subtítulo semelhante ao primeiro.

Apesar de tudo isso, ainda acredito ser extremamente importante esse longo processo ao qual chamo **sociabilização**: uma longa jornada em que construímos nossa identidade social, através da qual conquistaremos nosso espaço no ambiente social e adulto. Para isso devemos aprender seus códigos, seus hábitos e, também, suas fantasias.

Todos nós sabemos que não existe ninguém mais apto a conviver com um universo de fantasias do que as crianças. Aquelas duas pequenas já, muito

cedo, estavam abrindo mão dessa dimensão da própria existência. Não aceitavam o meu tigre!

Acredito que não exista nada mais importante para uma criança, seja consciente ou inconscientemente, que o carinho e a aceitação dos adultos, principalmente dos pais. Penso também que, inconscientemente, talvez não exista nada mais importante para uma criança saudável do que o impulso de conquistar o poder, a autonomia e a liberdade de ir e vir que possui um adulto.

Ninguém, absolutamente ninguém nos instala aquilo que costumamos chamar **bloqueios** (eu até prefiro chamá-los **guardiões do passado**, conforme já tratamos). Nós é que, criativa e insistentemente, ao longo do processo de sociabilização, enquanto construímos a nossa personalidade e nossa forma de expressão social, paulatinamente, passamos a rejeitar aquelas formas de nos comportar que nos conduzem à rejeição, à inaceitação ou à punição.

Finalmente, quando definimos nossa identidade social, depois desse longo caminho chamado sociabilização, em geral inconscientemente (às vezes conscientemente), constatamos um certo constrangimento gerado por essa mesma identidade – limitações e tensões.

Nessa oportunidade, então, inicia-se uma nova jornada em nossas vidas: já se conhecendo os códigos de conduta social, empreendemos um novo caminho, uma jornada de resgate de nossa maneira mais essencial de criar, de ser e de sentir.

